



IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

MEMÓRIAS DE UMA EDUCADORA APOSENTADA DO MUNICÍPIO DE PEDRA LAVRADA/PB (1958-1985)

Tatiana de Medeiros Santos

taty_ms11@hotmail.com

(UFPB)

Fabiana Medeiros Santos

Fabi_ms12@hotmail.com

(UNAVIDA)

Resumo

O presente artigo está vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas, “História, Sociedade e Educação no Brasil” (HISTEDBR – GT/PB) e tem como objetivo trazer à tona as memórias da educadora Rita Sampaio Meira sobre sua escolarização e atuação profissional no município de Pedra Lavrada/PB. Inscrito na abordagem teórico-metodológica da História Cultural, permite não apenas compreender uma época, através da configuração da atmosfera da respectiva sociedade analisada, mas também resgatar historicamente, a atuação e contribuição dessa educadora no debate educacional na Paraíba. Rita Sampaio reside em frente à Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Francisco Ferreira, local onde lecionou por 27 anos. Revelou que sua mãe se preocupava com a educação de seus filhos e a formação religiosa. Estudou até o primário. Prestou exame de admissão em outra cidade por duas vezes, foi aprovada, mas por falta de oportunidade não continuou os estudos. Um fato que marcou sua atuação profissional foi o seu primeiro dia em sala de aula em que foi recebida pelos alunos com palmas. Lamentou os atuais comportamentos dos alunos que não respeitam mais os professores. Mencionou que em seu tempo de professora, os alunos respeitavam os professores como se fossem seus pais. Na sua aposentadoria, fez questão de continuar trabalhando por mais dois meses, para não prejudicar os alunos. Rita Sampaio ressalta que ainda não nutria o desejo para o magistério, mas se tornou professora e os estudos continuaram com treinamentos semestrais para professores leigos. Como qualquer professora de sua época, revelou iniciar sua atividade profissional sob a influência de um político importante. Também expôs que não era professora de tomar atitudes que fugisse ao seu controle e nem era de entregar os filhos aos pais. Tudo era resolvido em sala de aula com muita naturalidade. Portanto, ficou evidenciado as revelações de uma educadora mencionou a sua antipatia por matemática, a preferência pelo desenho, a cartilha com a qual ensinava e o desgosto um ato de indisciplina de um aluno, ao qual afetou a sua moral. Entretanto, também emergiu das suas lembranças, o prazer de entrar em sala de aula no seu primeiro dia de trabalho, como também a emoção de ter que encerrar todas as suas atividades com a aposentadoria.

Palavras-chave: Escola. Educadora. Memórias.

Considerações iniciais

O presente artigo está vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas, “História, Sociedade e Educação no Brasil” (HISTEDBR – GT/PB) e tem como objetivo trazer à tona as memórias da educadora Rita Sampaio Meira sobre sua trajetória educativa e atuação profissional no município de Pedra Lavrada/PB¹.

¹ Esta cidade está situada na mesorregião da Borborema, e na micro região do Seridó Oriental, a uma distância de 237 km da capital do estado.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Inscrito na abordagem teórico-metodológica da Nova História Cultural, permite não apenas compreender uma época, através da configuração da atmosfera da respectiva sociedade analisada, mas também resgatar historicamente, a atuação e contribuição dessa educadora no debate educacional na Paraíba. Neste estudo, com a possibilidade do uso de novas fontes, além das tradicionalmente utilizadas, optamos por trabalhar com as contribuições das fontes orais, nesse caso, contamos com a colaboração da educadora Rita Sampaio Meira. Nesse sentido, o subsídio da história oral possibilita compreender outros dados historiográficos, novas fórmulas, ações, modos de pensar, ouvir e sentir, que antes da propagação da Nova História Cultural encontravam-se concentrados naqueles que estavam no poder. De acordo com Thompson (1992, p.96), a história oral é:

[...] uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga o seu campo de ação. Admite heróis vindos, não só entre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade.

A ideia central de compor esse artigo foi revelar como a educadora Rita Sampaio Meira narra através de suas memórias a trajetória de sua escolarização e atuação profissional de forma única e singular. Compartilhando, assim, lembranças, evidenciando o vivido e passível de ser lembrado coletivamente.

De acordo com Freitas (2008), “O ofício do professor demanda um conjunto de saberes, habilidades, competências, normas e valores. Os papéis sociais do professor são definidos e orientados a partir do espaço e do tempo no qual são desenvolvidas as suas práticas”. Dessa forma a representação e apropriação da imagem de professor em diversos espaços da sociedade estão atrelados ao tempo e espaço vivenciados pelo mesmo.

Dessa forma, Bragança (2008, p.75) afirma que as “[...] narrativas não apenas descrevem a realidade, são produtoras de conhecimento individual e coletivo e, no caso dos professores/as, potencializam os movimentos de reflexão sobre as próprias experiências, teorias e práticas [...]”. Não pretendemos trabalhar as narrativas como um ato mecânico ou puramente descritivo, mas como possibilidade de trazer à tona um passado através do presente, ouvindo a voz da experiência de quem vivenciou o passado.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Trata-se de revisitar a vida do pesquisado e suas múltiplas relações com o vivido e analisar os percursos pessoais da escolarização de Rita Sampaio Meira e alguns momentos de sua atuação profissional, tornando-se um movimento de ressignificar o vivido. Vale ressaltar que, nas memórias da educadora em questão não se tem a pretensão de esgotar em suas narrativas como aconteceu sua escolarização e o exercício da profissão como um retrato fiel do passado. Pretende-se trazer à tona algumas de suas histórias que se encontram presentes em sua memória.

Memórias de uma educadora paraibana: Rita Sampaio Meira



Foto1: Professora Rita Sampaio Meira.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Rita Sampaio Meira, 84 anos de idade, foi educadora no município de Pedra Lavrada por 27 anos. Atualmente está aposentada. Foi professora de Português por muitos anos da Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Francisco Ferreira, que fica localizada em frente a sua residência.

Para a realização da entrevista, a pesquisadora contou com o auxílio de uma ex-aluna para a localização da residência e realizar as apresentações. A educadora foi receptiva e autorizou a entrevista em 27/06/2010.

A educadora mencionou que algumas pessoas já vieram entrevistá-la com o intuito de apenas responder alguma atividade de escola ou universidade. Acredita que isso acontece pelo





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

fato de morar em frente à escola estadual e seu endereço ser de fácil acesso na cidade. Mas nunca perguntaram sobre as particularidades de sua educação recebida e atuação profissional.

Durante a entrevista, a educadora revelou que era preocupação de sua mãe manter os filhos na escola e também cuidava da formação religiosa dos mesmos. Mencionou que estudou só até o primário, pois essa seria a única modalidade de ensino ofertada na cidade em que seus pais moravam. Foi educadora na Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Francisco Ferreira por 27 anos. Seu depoimento não se limitou apenas a sua escolarização e atuação profissional, também trouxe à tona através de suas lembranças, diversos momentos de sua vida, que julgou serem importantes não só para sua escolarização, como também para sua atuação profissional.

Fischer (2004, p.531) destaca que “Conhecer histórias de outras épocas, viajar entre as práticas e documentos, adentrar a vida das professoras de outros tempos, supõe, entre outras exigências, sensibilidade e rigor teórico [...]”.

Para tanto, seguiu-se, também, a orientação de Le Goff para quem o “[...] passado é uma construção e uma interpretação constante a partir do presente”, sob a ótica dos sujeitos que dela participaram. (2004, p.163).

Focalizo, portanto, a trajetória de uma educadora que consentiu a entrevista e estudo sobre sua trajetória de escolarização e atuação profissional, com a intencionalidade de revelar as situações vividas nesse percurso, no qual se configurou o seu perfil profissional na zona urbana do município de Pedra lavrada.

Nessa linha de entendimento, Bragança (2008, p.76) afirma que “[...] devemos entender que se trata de uma memória individual que, embora social, só pode ser organizada em função de uma determinada cultura ‘contada’ por pessoas, pois só os seres humanos podem guardar e contar lembranças [...]”.

Pacheco (2008) afirma que ainda há pouca visibilidade na produção de pesquisas que focam o itinerário cotidiano da vida singular de professores, algo que pode consistir pelo não reconhecimento da importância da diversidade de práticas existentes no interior de cada escola. Invisibilizando, assim, a riqueza da diversidade de práticas cotidianas, nas experiências dos educadores.





A escolarização de Rita Sampaio Meira

Rita Sampaio nasceu em 1930, possui sete irmãos. Em seu depoimento, lembrou-se de sua casa: “Era pequena. Mais quando eu morava em Seridó a casa era grande, mas depois em [...] 42 ou 43, não me lembro. Papai foi morar no sítio”.

É a filha mais velha. Sua mãe demorou dez anos para ter seu segundo filho. A educadora mencionou que seu: “Papai era agricultor e mamãe bordava, costurava somente isso. [...] mamãe nunca trabalhou não. Nunca trabalhou fora não. Mamãe morreu faz três anos”. Informou que sua mãe cursou: “Só o primário. Minha mãe fez um primário muito bem feito sabe. Ela fez em Boa Vista. [...] Tinha professoras boas em Boa Vista, então ela foi alfabetizada lá. [...] Foi alfabetizada, não, foi instruída lá. Nesse tempo só tinha até o quarto ano”.

Segundo a educadora, seu pai sempre falava que para estudar na zona rural, não havia escolas, era um professor contratado, amigo de seu avô que vinha em casa, para ensinar as crianças:

Eu lembro que meu pai dizia que vinha um senhor, ele ensinava lá. Lá ele não tinha nem lápis, não tinha nada. Era o meu avô quem contratava o professor, [...] era o meu avô. Era ele trocava por queijo, bode, essas coisas viu. [...] era amigo do meu avô [...] Era um vizinho. [...] Sabia mais, sabia ler. Aí então ele alfabetizou. Mais meu avô foi alfabetizado só com as primeiras letras. Mais a letra dele era uma coisa linda. Meu avô, pai de meu pai. [...] E meu avô materno não, meu avô materno era quase analfabeto. A minha avó era, era, sabia ler, sabia, ela foi alfabetizada em casa mesmo.

De acordo com Vidal e Faria Filho (2005, p.45-46), não é correto afirmar que apenas aqueles/as que frequentaram a escola seriam pessoas que possuíam as primeiras letras, haja vista que, havia o que eles chamaram de:

[...] *rede* de escolarização doméstica, ou seja, do ensino e da aprendizagem da leitura, da escrita e do cálculo [...] (Essas escolas às vezes chamadas de particulares, outras vezes de domésticas) [...] pode-se dizer que tais escolas utilizavam-se de espaços cedidos e organizados pelos pais das crianças e dos jovens aos quais os professores deveriam ensinar. Não raramente, ao lado dos filhos dos contratantes, vamos encontrar seus vizinhos e parentes. O pagamento do professor era de responsabilidade do chefe da família que o concentrava, geralmente, um fazendeiro.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Os avós de Rita Sampaio eram fazendeiros, comercializavam gado e sabiam as “primeiras letras”. Seus pais falavam que seus avós estudavam com professores amigos que vinham ensinar em casa.

A educadora, em seu depoimento, narrou que iniciou seus estudos aos nove anos de idade. Lembrou que a sua primeira escola: “Era grande, (tinha) uma sala grande. A professora era boa demais, Maria de Freitas Guimarães. Ela era amorosa e era severa. [...] Era polivalente. No momento que precisasse, era... Mais eu nunca, eu nunca levei um castigo [...] na minha vida”.

Em relação à alfabetização de Rita Sampaio e seus irmãos, a educadora relata que “Papai não se preocupava muito não. Era mamãe. [...] Ela botava a gente na escola e tudo. (as primeiras letras) era com a mamãe”.

Começou a estudar e fez “[...] primeiro, segundo, terceiro com dona Mariinha, ai deixei, passou, passou muitos anos, quando foi em 49, eu estudei 49, 50 e 51. Terminei, terminei.” Narrou que estudou em Soledade. “[...] Dona Maria de Eufrásio era minha professora. (Era a escola) Padre Ibiapina. Parece que era Padre Ibiapina”. A educadora Rita Sampaio também informou que só cursou até o exame de admissão “Eu fiz o exame de admissão em 1950. Parei”.

Rita Sampaio relembra que a sua preocupação era com as notas:

O que não sai da memória eram as minhas notas. Ai eu estudava, ai eu passava. Ai teve uma vez que eu tirei nove, um nove e um zero. Ai era noventa, ai minha filha eu tinha tanto desgosto, não tinha como recuperar. [...] Só queria dez. As minhas notas era tudo dez. Eu ainda tenho provas velhas, com mais de sessenta anos.

Segundo Rita Sampaio, na escola em que estudou, a disciplina era rígida, ninguém “brincava não [...] Entrava na sala de aula e quando eram dez horas, ai agente tinha um intervalozinho que era para descansar um pouco. Ai começava novamente até às 11h00min horas. [...] Entrava e rezava. [...] entrava em fila não”.

Mencionou não gostar muito de matemática, mas “Uma prática que gostava de realizar enquanto aluna e repetia enquanto professora [...] era o desenho [...] Gostava muito, apesar de que no tempo que eu ensinava e estudava não tinha desenho assim não. Não tinha essas coisas não”.





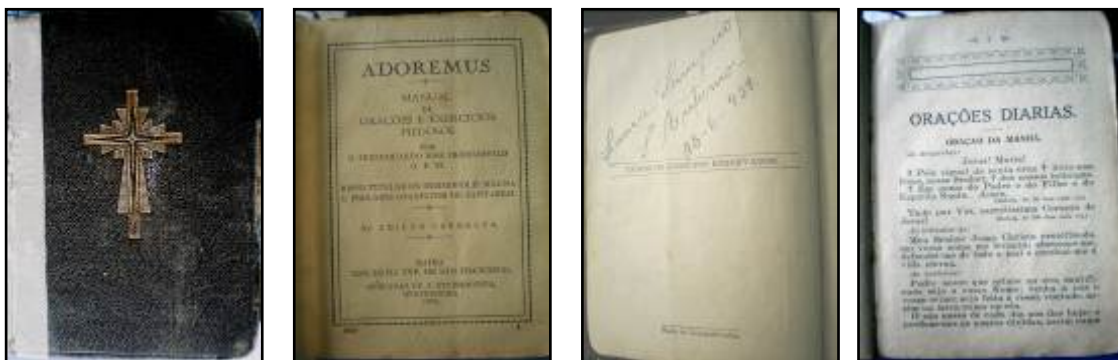
IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Rita Sampaio mencionou que sua mãe era muito religiosa e que não relaxava com a escrita, leitura e formação religiosa dos filhos. Frequentava missas aos domingos e informou que toda noite sua mãe reunia os filhos para ler:

Minha mãe era muito, muito, instruída, apesar de ser naquela época. Mas minha mãe foi muito desenvolvida, minha mãe trabalhava (a leitura) ela sabia muito se explicar, ela logo, ela lia. Digo coitada (porque) ela só tinha tempo de ler de noite, porque de dia ela trabalhava. (em casa). Não, me lembro não (outras leituras). Ela lia aquele adoremos, eu ainda tenho ele guardado, 1937. O adoremos, ela lia, lia aquele livrinho de Nossa senhora do Perpétuo Socorro, ela lia.

A educadora foi em seu arquivo de memórias particular e trouxe o “Adoremus” do qual em 1937 sua mãe realizava a leitura e explicações junto a seus filhos.



Imagens: 1, 2, 3, e 4: Imagens do Adoremus da pesquisadora.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Percebe-se que a mãe da educadora tanto incentivava os filhos com a leitura noturna, como também fazia a opção pela temática religiosa. De acordo com Lahire (1997, p.20) “[...] a leitura em voz alta de narrativas escritas, combinadas com a discussão dessas narrativas com a criança, está em correlação extrema com o ‘sucesso’ escolar em leitura”. Acredita-se que com a atitude dessa mãe, ela estava preparando seus filhos para a escola e para a vida. Ensina-los a ler, realizando explicações e interpretações dos textos lidos. Merece destaque o fato de não ser qualquer leitura, eram sempre leituras de livros religiosos.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

A educadora empolgada em falar de sua mãe, que faleceu há três anos, mencionou que: “Ela gostava muito de ler. Olha a letra da minha mãe”. Conforme podemos ver na imagem: 3 acima: Laura Sampaio. S. Antonio. 13/06/937.

[...] mamãe ensinava tudo direitinho como era. Olhe isso aqui, isso aqui é a oração diária. Tem as orações diárias [...] tem Maria Santíssima. Tudo, lia pra mim. Ai mamãe gostava muito de ler esse aqui. Aqui eu me lembro muito tem esse outro com Jesus Cristo. Olha, olha a fotografia. [...] Ela gostava de ler. Lia de noite quando ia se deitar esse aqui, viu, da Virgem Imaculada. Nós tínhamos que ir (ao quarto ler). [...] Ela sentava-se na cama, a gente, a gente lia... Não tinha energia, só tinha velinha. Ela tinha um candeeiro grande, ai ela acendia o candeeiro, ai a gente lia. [...]

No sábado, a mãe de Rita Sampaio ainda rezava o Ofício de Nossa senhora da Conceição: “A minha mãe rezava pra gente no sábado. Olhe, tá vendo? Mamãe lia e dizia como era tudo pra gente, como era, como não era. [...] esse aqui era o adoremos de minha mãe assistir missa.” Rita relembrou os ensinamentos:

Um era o adoremos, as orações que ela nos ensinou. É ajudar as pessoas que tem necessidade. As pessoas fazer caridade, fazer caridade sempre. Não negar, não negar a seu próximo. O mandamento da lei de Deus. Minha filha, isso aí era pregado mais do que tudo pra gente.

Informou que sua mãe: “Não gostava de política, não. Nem mãe, nem papai” e eu sou apenas eleitora.

Sobre a sua vocação para o magistério, mencionou: “Já mais pensei. Eu era professora leiga, somente concursada”. Ao negar sua vocação para o magistério, acredita-se que essa resposta veio à tona, apenas para justificar que não sonhava em ser professora, por não possui o curso normal, mas em outro momento da entrevista, a educadora mencionou brincar em casa com suas bonecas como se fossem suas alunas:

Fazia uns caderninhos. Eu fazia uns caderninhos assim. Eu pegava uns papéis que embrulhava o açúcar ou o café, ai eu dava, ai eu passava ferro, ai eu dobrava, fazia os caderninhos que era da boneca sabe. [...] Tinha a boneca Lili, deixa eu ver... Tinha Xodoca, Lili tinha Xodoca, não me lembro qual era a outra...

Ao explicar o porquê de ter sido professora, mencionou que foi: “Porque eu estudei eu estudei em Seridó, ali em Santo Antonio do Norte. Santo Antonio do Norte. Eu estudei lá. Aí eu





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

terminei eu fiz um primário todo lá, que era um primário com uma professora de Soledade, que veio morar em Seridó”.

A educadora tentou transmitir a qualidade do ensino da escola em que frequentou. Apesar de ter cursado até o exame de admissão, na sua região, esta era a formação máxima alcançada da professora leiga.

Memórias de Rita Sampaio Meira sobre a sua profissão professora

A educadora Rita Sampaio ao relembrar como iniciou sua atuação profissional, mencionou não ter certeza do ano que entrou em sala de aula para lecionar. Apenas lembrou que iniciou sua carreira profissional alfabetizando alunos à noite na cidade de Seridó e que prestou concurso em João Pessoa. Foi aprovada, mas não optou por assumir o cargo.

Dei aula não. (em João Pessoa) Somente, eu apenas fui entrevistada, fomos entrevistadas na sala de aula, e eu prestei o meu concurso, fiz o concurso e vim embora. Ai vim embora. Ai cheguei em Seridó, ai terminei, eu já tava lecionando, já fazia dois anos que eu ensinava. Ai fiquei ensinando.

Também narrou que seu primeiro emprego esteve atrelado a um político:

Meu primeiro emprego de professora, sabe Gerônimo Nóbrega. [...] era de Soledade. Eu estudei em Soledade, aí então eu terminei, fiz um exame de admissão. Eu fiz dois exames de admissão. Aí não pude estudar em Campina porque eu não tinha pra onde ir, eu não tive oportunidade. Ai vim embora pra cá. Ai quando eu cheguei em casa [...] todas as noites eu ia alfabetizar em Seridó. Ai depois eu arranjei um emprego de professora. Ai eu fui fiz um concurso em João Pessoa, passei no oitavo lugar. [...] (Gerônimo) Era político. [...] Ele era Deputado Estadual.

De acordo com Melo (2008, p.69) é notório por parte dos sistemas de ensino a ausência de medidas que vinculassem a formação do professor à contratação para lecionar nos anos iniciais de ensino. “Em geral, a falta de uma adequada formação não se constituía em critério intransponível para o exercício docente [...]”. Sendo assim, a autora ainda afirma que “[...] o professorado polivalente ficava relegado a uma formação elementar [...]” (2008, p.71).

A educadora mencionou que conseguiu seu primeiro emprego, mesmo não tendo a formação do curso normal, mas todos os anos, havia os treinamentos que aconteciam em Alagoa Grande:





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Ai quando, ai eu ensinava em Santo Antonio, eu vim lá de Santo Antonio. Ai eu fui me transferi pra Pedra Lavrada, em 1965. Ai em 65, eu comecei a... Eu trabalhava aqui, eu trabalhava aqui, mais todo final de férias, todas as férias, quando dava as férias, tanto do meio do ano, quanto do fim do ano, eu ia pra Alagoa Grande. [...] Pra fazer treinamento. [...] Somente fiz os treinamentos em Alagoa Grande. [...] era muito, era muito proveitoso. Era bom demais. Fiz um de dois meses... Foi em 52 mesmo? Ô mana (Perguntou a filha Germana) Ei, em que ano Raquel nasceu? (Em 84) Pois foi justamente em 84, que eu fiz dois meses de treinamento em Alagoa Grande.

De acordo com Melo (2008, p.77), apesar da institucionalização de Escolas Normais desde 1889 em todo o país, à demanda para o acesso ao magistério era maior. “Somente com os ventos democratizantes pós-guerra foi editada uma legislação que procurava contemplar a formação para o magistério nacional com a Lei Orgânica do Ensino Normal Superior de 1946”. Mas, segundo a autora a formação para o magistério e sua qualidade ainda se mostrava insuficiente para a demanda brasileira. Surge, então, a necessidade urgente de “[...] sucessivos programas especiais de formação direcionados ao professorado leigo [...]”.

Na sequência, Rita Sampaio lembrou que a primeira escola onde lecionou foi a “[...] Escola Rudimentar mista de Santo Antônio. [...] Dava (aula) na primeira, segunda e terceira. [...] Era tudo na mesma sala. Meninos e meninas”.

A educadora também lembrou que seu primeiro emprego “[...] parece que foi em 59. Eu não estou bem lembrada não, já estava casada [...]” e mencionou que não enfrentava problemas com o marido para trabalhar. Em relação aos filhos, disse: “Atrapalhavam não. Atrapalhava de jeito nenhum. Eu ia pra escola. Eu ensinava ai 27 anos e meio (No Estadual em frente a sua casa). Eu deixava meus meninos em casa. (sozinhos) Ficava. [...] eu ensinava só um turno, mas era à tarde. Eu ensinei oito anos a tarde”. De acordo com a educadora, uma filha mais velha tomava conta dos mais novos: “Era Maria da Luz. Ela fazia bolo, cuidava da casa. Era um fogão de carvão. Mais ela era muito habilidosa”.

Como professora, a educadora adotava a “Cartilha do povo” e relata que sempre foi uma pessoa “amorosa”. Mas, como professora:

[...] eu era sei lá, eu tinha dias que eu era simpática, tinha dias que eu era brava. Tinha que eu era danada. Tinha dias que eu era boa demais. Conforme era os alunos mais eu não professora de dizer assim de estragar com aluno não. Eu





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

reclamava, num instante ele aprendia a ler. Tinha que fazer os deveres que eu passava.

Rita Sampaio mencionou que o ensino de hoje está muito diferente de seu tempo como aluna e professora, pois sente:

Muita diferença. Os meninos respeitavam os professores, gostavam deles. Queriam bem mesmo. Tinha amor mesmo pelos professores como se fossem os próprios pais. Eu ainda hoje tenho aluno, ex- alunos que eles me têm, assim a maior consideração.

Em relação aos castigos:

Não, eu nunca fiz isso não. Nunca precisei ,nunca na minha vida fiz um castigo não [...] Só. Falava... Não era nem alto. Falava braba assim com ele que tem que fazer, porque faz mesmo. Por que tem que fazer mesmo as obrigações da escola. Porque vocês estão aqui é pra aprender, não é pra brincar.

Ao indagar a ex-professora sobre o que mais lhe marcou na sua profissão:

Meu Deus, o que foi? Um dia desse eu tava lembrando. Um foi uma grosseria que eu recebi de um aluno. Ele até já morreu. Eu não me lembro, não, só me lembro da grosseria. Ele disse palavrões comigo e disse umas coisas feias. Ai eu tive muito desgosto mas com a naturalidade.

Esse ato de indisciplina desse aluno marcou sua carreira profissional. Ao indagar sobre alguma coisa positiva na sua profissão, a educadora mencionou:

Uma coisa boa, era que se reunia, marcava festa pra mim e eu não gostava de jeito nenhum. Faziam festa pra mim. Olhe no meu aniversário eu fugia. Eu ia para o sítio, mas quando eu chegava já tinha uma festa. Tinha uma festa pra mim.

A educadora nostálgicamente narrou que sente saudades de cantar em sala de aula:

O dia dos professore a gente comemorava, o 7 de setembro. Entrava na classe eu cantava. Cantava muito com os meninos. E eu quando entrava na minha sala... O que mais me... O que mais me deu assim saudade era quando eu chegava que eu ia, que tocava a companhia, que as meninas se reunia, quer dizer que se formava tudinho pra entrar. [...] Eu cantava muito com os meninos, ai chegava na sala de aula, ai eu ainda ia cantar um pouco com os meninos. [...] Cantava, cantava.

Rita Sampaio em meio as suas reminiscências se referiu ao que mais lhe marcou no seu primeiro dia de aula:

Como professora, foi que os meninos bateram muita palma pra mim. [...]. A diretora que me apresentou era a diretora, era de Chico Porto. Apresentou-me





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

aos meninos, que eu era professora. Que eu ia ser a primeira professora deles. [...] E eu ia ensinar eles e a escola tinha parece que 38 alunos, ai eles bateram muita palma pra mim. Ai eu fiquei muito emocionada. Eu fiquei tão destreinada que não sabia nem o que é que fazia.

Outro momento marcante da sua profissão foi quando a educadora emocionada narra o momento de sua aposentadoria:

Eu me lembro... Eu não gosto nem de lembrar. Foi em 85, eu chorei muito, chorei muito. (Ela ainda passou dois meses trabalhando sem receber) Eu me aposentei em Outubro. A minha aposentadoria saiu em Setembro. Ai em Outubro foi publicada em Diário Oficial. Em Outubro e eu só saí no último dia de aula em dezembro. Porque gostava.

Percebe-se nesta parte do depoimento da educadora Rita, que a mesma revelou o seu amor à profissão, há vista em que, logo após a sua aposentadoria, a educadora ainda trabalhou por mais dois meses, sem receber salário, mais queria terminar o ano e não prejudicar a aprendizagem dos alunos.

A educadora também lembrou que recentemente, após um protesto de alunos contra o fechamento da Escola Estadual Francisca Ferreira por falta de reforma Ferreira, o repórter da TV Paraíba veio a sua casa entrevistá-la:

Uma foi quando os meninos fizeram um protesto ai e vieram aqui me entrevistar. [...] Não disse nada não. Eu só fiz dizer bem eu não quero dizer nada, eu não quero dizer nada. Eu só quero dizer a vocês o seguinte: Eu ensinei nessa classe aqui, mostrei ao rapaz da TV Paraíba, eu ensinei nessa classe aqui 27 anos e 4 meses. Eu trabalhei aqui.

Rita Sampaio lecionou nesta escola, que encontrava-se localizada à frente de sua casa, por 27 anos. Em junho de 2010 encontrava-se de portas fechadas por falta de reforma. Atualmente, essa escola está passando por reformas.

o olhar para essa escola desativada por falta de investimentos do poder público no tocante a necessidade da reforma, mencionou que: “Sinto assim, uma amargura, sinto uma dor assim. Sinto um desgosto, uma amargura uma ansiedade tipo de que podia ter cuidado disso mas ninguém se interessa”.





Considerações finais

As narrativas de Rita Sampaio Meira ressaltaram as memórias da educadora paraibana como estudante que um dia foi e sua experiência enquanto educadora. Isso não quer dizer que outras memórias também não tenham sido trazidas ao seu depoimento.

A educadora mencionou que o ensino das primeiras letras, as leituras realizadas, as explicações e as discussões com livros religiosos em torno da cama de sua mãe foram fundamentais para a sua formação escolar que se encerrou com o exame de admissão, haja vista que, por falta de oportunidades não pôde seguir a frente com os estudos escolares. Rita Sampaio ressalta que ainda não nutria o desejo para o magistério, mas se tornou professora e os estudos continuaram com treinamentos semestrais para professores leigos. Como qualquer professora de sua época, revelou iniciar sua atividade profissional sob a influência de um político importante. Também expôs que não era professora de tomar atitudes que fugisse ao seu controle e nem era de entregar os filhos aos pais. Tudo era resolvido em sala de aula com muita naturalidade.

Revelou ainda a antipatia por matemática, a preferência pelo desenho, a cartilha com a qual ensinava e narrou com desgosto um ato de indisciplina de um aluno, o qual afetou a sua moral. Entretanto, emergiu das suas lembranças, o prazer de entrar em sala de aula no seu primeiro dia de trabalho, como também a emoção de ter que encerrar todas as suas atividades com a aposentadoria.

Neste estudo, que teve como objetivo trazer a tona algumas memórias da educadora lavradense do estado da Paraíba, trabalhamos com a perspectiva de revelar narrativas de experiências vividas e das emoções sentidas. Portanto, o estudo da trajetória profissional da professora Rita Sampaio permite a compreensão dos processos de consagração e distinção de suas práticas educativas.

Referências

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Histórias de vida e formação de professores/as: um olhar dirigido à literatura educacional. In: SOUZA, Elizeu Clementino de & MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (Orgs.) [et. al.]. *Histórias de vida e formação de professores*. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008.

FISCHER, Beatriz T. Daudt. Ponto e contraponto: harmonias possíveis no trabalho com histórias de vida. In: ABRAHÃO, Maria Helena Barreto (org.) *A aventura (auto) biográfica: teoria & empiria*. EDIPUCRS. Porto Alegre, 2004.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. Desvendando aspectos da profissão docente na produção historiográfica educacional do norte e nordeste: algumas possibilidades dos estudos biográficos. In: PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira Pinheiro e ANANIAS, Mauricéia. (Orgs.) *Educação, direitos humanos e inclusão social: histórias, memórias e políticas educacionais*. Vol.2. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2009.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão: 5. ed. Campinas. SP: UNICAMP. (Coleção Repertórios), 2004.

LAHIRE, Bernard. *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo: Ática, 1997.

MEIHY, José Carlos Bom Sebe e HOLANDA, Fabíola. *História Oral: como fazer como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

MELO, Marileide Maria de. A tardia profissionalização do magistério. In: DIAS, Adelaide Alves Dias; MACHADO, Charliton José dos Santos & NUNES, Maria Lúcia da Silva. *Educação, direitos humanos e inclusão social: currículo, formação docente e diversidades socioculturais*. Vol. 1. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2009.

PACHECO, Dirceu Castilho. Por outras narrativas das escolas e de seus sujeitos-praticantes: possibilidades dos/nos registros cotidianos. In: SOUZA, Elizeu Clementino de & MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (Orgs.) [et. al.]. *Histórias de vida e formação de professores*. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VIDAL, Diana Gonçalves & FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *As lentes da história: estudos de história e historiografia da educação no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

Entrevista:

MEIRA, Rita Sampaio. *Entrevista concedida a Tatiana de Medeiros Santos*. Pedra Lavrada, 27 de junho de 2010.

Arquivos pessoais:

MEIRA, Rita Sampaio. *Fotografia de uma comemoração na escola*. (1975) Arquivo pessoal da educadora. 27/06/2010.

HERBERHOLD, D. Frei Eduardo José. *Adoremus: manual de oração e exercícios piedosos*. XV. Edição Correta. Edição da typ. de São Francisco, Insteibrener Winterberg, 1935.

